

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

MARIA LUIZA PAULINO NOGUEIRA DA SILVA

**A afirmação estética e intelectual como transgressão de estereótipos: o funk no
contexto das redes sociais a partir da página ‘Funkeiros Cults’**

São Paulo

2021

MARIA LUIZA PAULINO NOGUEIRA DA SILVA

A afirmação estética e intelectual como transgressão de estereótipos: o funk no contexto das redes sociais a partir da página ‘Funkeiros Cults’

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas ao Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Nassar

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

MARIA LUIZA PAULINO NOGUEIRA DA SILVA

A afirmação estética e intelectual como transgressão de estereótipos: o funk no contexto das redes sociais a partir da página ‘Funkeiros Cults’

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Relações Públicas ao Departamento de Relações Públicas, Publicidade e propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Data de aprovação: ____/____/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Paulo Roberto Nassar

Membro Titular

Membro Titular

Local: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes

Inserir dedicatória

Dedico este trabalho a Mateus dos Santos Costa (23 anos), Gustavo Xavier (14 anos), Marcos Paulo Oliveira (16 anos), Gabriel Rogério de Moraes (20 anos), Eduardo Silva (21 anos), Denys Henrique Quirino (16 anos), Dennys Guilherme dos Santos (16 anos), Luara Victoria de Oliveira (18 anos) e Bruno Gabriel dos Santos (22 anos): vítimas da repressão ao Baile da DZ7, em Paraisópolis, no ano de 2019.

AGRADECIMENTOS

Assim como o funk, quero dar início aos meus agradecimentos tendo como referência o rap. Djonga, um dos maiores artistas contemporâneos desse gênero musical, diz em sua música Bença *“Irmão, você lembra de onde você vem? / E quando você chegar lá, o que você tem vai voltar pra de onde você vem? / Ou você nem sabe pra onde vai?”*. Provocada pelas perguntas e, como no refrão da música, acredito que fui e ganhei um mundo sem olhar para trás. Ganhei um mundo no

momento em que entrei pela porta da frente da Universidade de São Paulo, mais especificamente da sua Escola de Comunicações e Artes.

Nas salas de aula, na salinha do Centro Acadêmico, na convivência com um ambiente crítico e que inspira a busca por transformações sociais, passo a me tornar não somente uma profissional de Relações Públicas, mas também uma ativista comprometida com o combate às desigualdades sociais. Uma defensora convicta das universidades públicas - do seu papel estratégico na produção científica voltada aos interesses da maioria da população - e da ideia de que deveria ser direito assegurado a absolutamente todos os filhos da classe trabalhadora o acesso gratuito à educação de qualidade.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Walquilânia e Gonçalves, por contrariarem as estatísticas, apoiarem e acreditarem em mim até quando eu mesma duvidei. Ao meu irmão Arthur, um dos motivos da minha pressa em mudar esse mundo tão desumano com a nossa gente. Aos meus camaradas, com quem divido os maiores sonhos. Aos meus amigos de 'Família RPN 16', que me ensinaram tanto sobre companheirismo e coletividade. E, finalmente, aos meus professores, por quem nutro profundo respeito e admiração.

Com este trabalho, que tem como tema central a manifestação da cultura funk, encerro um importante ciclo respondendo às perguntas de Djonga dizendo que nunca me esqueci (e espero nunca me esquecer) de onde venho, zona leste de São Paulo: point do 'funk ostentação'. Chegando aqui, ao fim da graduação, luto para que o que eu tenho hoje de instrumentos para ler o mundo volte para onde eu venho e, sabendo para onde vou, será possível me encontrar na luta por transformações estruturais em nossa sociedade.

Vim, ganhei esse mundo de possibilidades da Universidade sem olhar para trás e não esqueço de voltar.

RESUMO

DA SILVA, Maria Luiza Paulino Nogueira. **A afirmação estética e intelectual como transgressão de estereótipos: o funk no contexto das redes sociais a partir da página ‘Funkeiros Cults’**. 2021. 45 f. Dissertação (Bacharelado em Comunicação Social - Relações Públicas). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A página de Instagram ‘Funkeiros Cults’ se tornou viral com publicações bem humoradas que unem essa expressão cultural do funk ao universo das artes, da filosofia e das questões sociais. Assim, ancorado em contribuições teóricas que conceituam a cultura popular e na análise exploratória da página de Instagram, o trabalho visa analisar relações entre a afirmação intelectual, estética e cultural e os estereótipos acerca dessa identidade urbana.

Palavras-chave: cultura funk, cultura e política, funk

ABSTRACT

DA SILVA, Maria Luiza Paulino Nogueira. **A afirmação estética e intelectual como transgressão de estereótipos: o funk no contexto das redes sociais a partir da página ‘Funkeiros Cults’**. 2021. 45 f. Dissertação (Bacharelado em Comunicação Social- Relações Públicas). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A página de Instagram ‘Funkeiros Cults’ se tornou viral com publicações bem humoradas que unem essa expressão cultural do funk ao universo das artes, da filosofia e das questões sociais. Assim, ancorado em contribuições teóricas que conceituam a cultura popular e na análise exploratória da página de Instagram, o trabalho visa analisar relações entre a afirmação intelectual, estética e cultural e os estereótipos acerca dessa identidade urbana.

Keywords: Brazilian culture, funk carioca, politics and communication

LISTA DE FIGURAS

Fig 1 - Publicação com o livro do Silvio Almeida	12
Fig 2. - Publicação com o livro "A arte da guerra"	14
Fig. 3 - Publicação com o livro “Manifesto do partido comunista”	14
Fig. 4 - Publicação com o livro “Além do bem e do mal”	15
Fig. 5 - Publicação com o livro “O rastro da vida”	15
Fig. 6 - Publicação com o livro “A evolução das espécies”	16
Fig. 7 - Publicação com o livro “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”	16
Fig. 8 - Publicação com o livro “Mulheres, Raça e Classe”	17
Fig. 9 - Publicação com o livro “Assim falou Zaratustra”	17
Fig. 10 - Publicação com o livro “O ócio criativo”	18
Fig. 11 - Publicação com o livro “Memórias da plantação”	18
Fig. 12 - Publicação que alude à obra de Rene Magrite a partir do Juliet	24
Fig. 13 - Obra de Rene Magrite	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO E POPULARIZAÇÃO DO FUNK NO BRASIL	2
2.1 Funk Carioca	2
2.2 O funk ostentação	5
2.3 Fenômenos contemporâneos	8
3 OS FUNKEIROS CULTS	10
3.1 O que é e como surgiu?	10
3.2 Metodologia	13
3.3 As imagens	14
3.4 Tabela com sistematização das publicações	19
3.5 Análise dos Dados	23

4 Considerações Finais	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1 INTRODUÇÃO

No início dos anos dois mil, a música de Amilcka e Chocolate ecoava por vários cantos do Brasil que o funk “*é som de preto, de favelado / mas quando toca ninguém fica parado*”. Esse ritmo agitado, dançante e abasileirado a partir do Rio de Janeiro, hoje, é inegavelmente parte do cotidiano de milhares de brasileiros. No asfalto ou na favela, de norte a sul do Brasil e, até internacionalmente, a batida incrementada com outros ritmos brasileiros se reinventa há mais de trinta anos.

Apesar da aparência democrática, por se fazer presente em diferentes regiões e classes sociais, uma breve análise histórica dos processos de chegada e nacionalização do funk indicam para o sentido oposto. Na história do funk, desde o seu surgimento até as expressões mais contemporâneas, é possível observar como elemento contínuo o aspecto antidemocrático da criminalização dessa expressão cultural. São exemplos disso as inúmeras acusações de relação entre o funk e o crime organizado ou mesmo a repressão a manifestações como os rolezinhos.

As origens do *funk carioca*, base para o surgimento de expressões mais recentes como *funk ostentação* e *brega funk*, estão intimamente ligadas às periferias da cidade do Rio de Janeiro. Apesar do bloqueio da mídia e do desinteresse inicial de setores da indústria musical, o funk como uma expressão de origem popular bastardeada, torna-se uma expressão de dimensões nacionais e internacionais.

Assim, a partir de aspectos culturais, socioeconômicos e estéticos ligados à cultura do funk o objetivo do trabalho a ser desenvolvido é identificar se há ou qual o papel desempenhado pela página Funkeiros Cults, na transgressão de estereótipos acerca daqueles sujeitos que manifestam a cultura funk.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO E POPULARIZAÇÃO DO FUNK NO BRASIL

2.1 Funk Carioca

O funk como gênero musical tem suas origens relacionadas aos solos estadunidenses e data do fim da década de cinquenta e início de sessenta. A princípio surge como uma derivação da *soul music*, gênero com forte expressão entre a população negra e proveniente de outras duas principais ramificações: o *Rhythm and Blues* e a música gospel.

No contexto brasileiro, inaugurado apenas na década de setenta, e, antes de se popularizar com mais intensidade pelas periferias do Rio de Janeiro, os primeiros bailes funks foram realizados em áreas nobres da cidade. Um dos principais “*points*” era, por exemplo, o estacionamento da churrascaria conhecida como Canecão, no bairro de Botafogo, na zona Sul da cidade. Teve início nesta região o que se convencionou chamar ‘bailes da pesada’, festas que tocavam do *soul* ao *rock and roll* e que se tornaram famosas na cidade, principalmente a partir de apresentações de expoentes do funk no Brasil. Um dos maiores nomes desse fenômeno foi o DJ Big Boy, que tinha um programa de abrangência nacional, na Rádio Mundial do RJ, mas que se tornou especialmente popular entre os ouvintes do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Com exceção de artistas brasileiros populares à época, como Tony Tornado, os ‘bailes da pesada’ praticamente não tocavam músicas em português. Mesmo assim, essas festas passam a atrair os mais diversos públicos da cidade, desde a classe média dos bairros mais centrais até os moradores das periferias da cidade do Rio de Janeiro.

No entanto, a ascensão da *Disco Music* (especialmente após o lançamento do filme ‘Os embalos de sábado à noite’), a consolidação da Música Popular Brasileira (MPB) e o posterior uso de espaços em comum (como o próprio Canecão) para as apresentações de artistas da MPB são elementos que dialogam com relativa queda de popularidade do funk, no cenário musical da

classe média carioca. Ao mesmo tempo, é nesse cenário de relativa decadência, que se dá a entrada dos bailes funks nas regiões do subúrbio carioca com maior intensidade.

Entre o final da década de setenta e início da de oitenta, já no subúrbio, os bailes também conhecidos agora como “bailes *blacks*”, aconteciam semanalmente em diferentes clubes e as músicas tocadas, até então, ou eram apenas instrumentais ou com letras em inglês. Predominava nesse momento a influência do *Miami Bass*, gênero similar ao eletrônico com batidas rápidas comandadas por um DJ e letras mais erotizadas. Esses encontros impulsionados pela música, em especial para a juventude negra, além de um momento de socialização eram também momentos de reflexão sobre seus direitos como cidadãos e de articulação política.

Cabe frisar que, com pouca visibilidade nos grandes veículos de rádio e televisão, o crescente consumo de funk no Rio, a partir das camadas mais populares, não pode ser interpretado como uma imposição da indústria cultural. Ao contrário, como observa o antropólogo Hermano Vianna, “parece até haver um complô (para usar, sem pretensão de seriedade, um termo maquiavélico) dessas mídias com o objetivo de ignorar o fenômeno.”¹

Há ainda uma outra dificuldade imposta aos organizadores dos bailes nesse contexto, que era o de fazer chegar ao Brasil discos de funk lançados pelas pequenas e independentes gravadoras estadunidenses - até então, principal fonte de propagação do gênero. Sem uma exploração regular desse comércio, diversas estratégias são desenvolvidas para o acesso a esses discos. A principal delas, ainda de acordo com a análise de Vianna, é: “a criação de um comércio clandestino de discos importados, vindos dos Estados Unidos especialmente para animar o circuito de funk do Rio.”²

É nesse cenário dicotômico e de invisibilidade por parte de atores da indústria cultural brasileira que, ao mesmo tempo, temos a ascensão entre as camadas populares da cidade, nas quais surgem não somente os “grupos de som” - grupos de proprietários de equipamentos que promovem o som dos bailes, fundamentais para popularização do funk como Furacão 2000 e *Soul Grand Prix*³ -, mas também se estabelece uma relação de disputa bastante acirrada entre eles.

¹ Funk e Cultura Popular Carioca, página 246

² Funk e Cultura Popular Carioca, página 247

³ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=g6r4BakKhTo> >. Acesso em: Nov., 2021.

Desta forma, apenas no final da década de oitenta é que tem início o processo de consolidação e nacionalização do funk, fenômeno que tem como um de seus principais expoentes o DJ Marlboro com o lançamento do disco *Funk Brasil*. No texto *Funk e Cultura Popular Carioca* de Hermano Vianna, o lançamento desse disco é descrito da seguinte forma:

“Um bom exemplo desse "apartheid" musical carioca foi a trajetória do disco Funk Brasil, lançado em 1989 (portanto, dois anos depois que encerramos nosso trabalho de campo nos bailes funk cariocas) pelo DJ (disc-jôquei) Marlboro. A gravadora do disco, Polygram, não fez qualquer esforço para divulgar seu novo produto. Na mesma época, estava sendo lançado o LP *Burguesia*, do cantor de rock Cazuza, e todo o esquema promocional da gravadora estava empenhado em vender este último disco. Para surpresa do pessoal da Polygram (apenas um de seus diretores, aquele que contratou Marlboro, acreditava que um disco de hip hop brasileiro pudesse ser sucesso), as vendas do disco Funk Brasil superaram por meses aquelas do *Burguesia*, chegando até a superar a marca das cem mil cópias vendidas, número que no Brasil equivale ao "disco de ouro". Esse sucesso inédito (foi o primeiro disco de hip hop carioca) e imprevisto não facilitou em nada a divulgação do LP Funk Brasil. As rádios (com exceção da Manchete FM, onde o próprio DJ Marlboro tem um programa) não tocaram suas músicas e a televisão não gravou videoclipes com elas. Mesmo assim, nas ruas do Rio, era possível ouvir várias pessoas cantarolando a Melô da mulher feia ou a Melô do bêbado, grandes sucessos do Funk Brasil. Onde essas músicas foram escutadas? Apenas no programa de rádio do DJ Marlboro? Nos bailes? Então é possível existir um sucesso de massa ignorado pelos meios de comunicação de massa?” (PÁGINA 249).

O primeiro do gênero a atingir o equivalente ao disco de ouro no Brasil, o DJ - e produtor musical - Marlboro, além do sucesso em vendas de discos, também teve papel de destaque no lançamento e projeção de diversos MCs⁴ que passaram a compor e cantar em português. Marlboro também é reconhecido por introduzir um recurso utilizado até hoje nas produções nacionais: a bateria eletrônica. Cabe sublinhar que, concomitante a esse processo de ascensão, que eleva novamente seus patamares, a partir dos primeiros funks gravados em português, tem início de forma mais contundente por grandes veículos de comunicação de televisão e rádio as acusações de que algumas dessas letras fariam apologia ao crime organizado.

Mais tarde, seguindo a tendência de consolidação e partindo das mudanças iniciadas no ciclo anterior, como as possibilidades inventivas trazidas pela bateria eletrônica, o funk alavanca

⁴ O termo MC tem origem no inglês “*Master of Ceremony*”, que significa Mestre de Cerimônias. Originalmente, cabia ao Mestre de Cerimônias apresentar as atrações de um baile e animar o público. Posteriormente o termo foi adotado para nomear os cantores de *hip-hop* e de funk. Sobre a história do funk e do baile funk, cf VIANNA, Hermano. *O mundo do funk carioca*, 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988

sua popularidade entre o final da década de noventa e virada do milênio. Agora o gênero não somente é produzido na periferia e para periferia, mas também passa a ganhar casas noturnas, bares, academias e festas frequentadas pela classe média carioca.

Ainda nesse contexto, cabe observar que tem início a tendência dos “bondes” - grupos de funkeiros que cantam e dançam suas próprias músicas e, frequentemente, vestem-se com roupas idênticas, o que pode influenciar na afirmação de uma determinada estética ligada ao gênero musical. Um exemplo de sucesso nessa época é o Bonde do Tigrão, que teve seu primeiro momento de ascensão na virada do século, chegando a conquistar um disco de platina - reconhecimento dado pelas mais de 80 mil cópias vendidas.

Dessa forma, a partir da experiência inicialmente localizada no Rio de Janeiro, o funk passa a ter audiência nacional e é renomeado como “*funk carioca*”. Como afirma o DJ Marlboro, em entrevista ao documentário A História do Funk, “o funk carioca é o funk nacional”⁵. Um importante traço, visível tanto em produções dos anos 2000 quanto nas mais contemporâneas, é do constante e acelerado processo de modificações no processo criativo das batidas musicais. São frequentes as incorporações de influências tipicamente brasileiras, como é o caso do samba ou mais tarde do frevo.

Por fim, ao analisar o caso do funk carioca, como sugere Vianna, faz-se necessário colocar em questão abordagens teóricas que pensam a indústria cultural como uma instituição completamente coesa, pois “existem produtos bem diversos colocados no ‘mercado cultural’, que podem ser consumidos de maneiras diferentes por grupos sociais diferentes e que podem circular (até mesmo internacionalmente) por caminhos pouco convencionais, independentes dos grandes meios de comunicação de massa.” (página 250)

2.2 O funk ostentação

Popularizado a partir das periferias de São Paulo e de Santos, o surgimento do funk ostentação data do final da primeira década dos anos dois mil. Além de ter suas origens

⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xaZNWzKiO7U> >. Acesso em: Nov., 2021.

relacionadas à popularização do funk carioca nacionalmente, um outro elemento é necessário para compreensão desse fenômeno tipicamente paulista: as diferenças da região em relação à recepção e absorção de ritmos que dão origem ao próprio funk carioca, especialmente o hip hop.

Também analisado na obra de Hermano Vianna, a relação da capital paulista com o hip hop é descrita da seguinte forma:

“Em São Paulo, o mesmo tipo de música, o hip hop, foi adotado por várias turmas de jovens, também oriundos das camadas "populares" e dos subúrbios da cidade, como no Rio. Só que o caso paulista tinha mais semelhanças com o hip hop norte-americano do que com o carioca. Na estação do metrô São Bento, ponto de encontro dos funkeiros de São Paulo, tudo seguia o padrão nova-iorquino: havia a break dance, as roupas dos b-boys e até mesmo o rap em português tratando dos mesmos temas privilegiados pelo hip hop de Nova York, isto é, crise econômica, relações raciais e elogios de quem canta para quem canta. Isso mostra que existem várias maneiras de um mesmo dado cultural ser apropriado por outras culturas.”

Como parte desse processo, entre o fim da década de oitenta e início de noventa, momento em que no Rio se popularizavam os bailes e elementos “nacionalizantes” do funk, na capital paulista tiveram destaque as produções de rap como os Racionais MC’s. Seguindo a tendência estadunidense, o rap assume um caráter de críticas sociais em suas letras e são também incorporados os samples abrigados. Um exemplo disso é a escolha da melodia da música Ela Partiu, do Tim Maia, como sample de Um Homem na Estrada, dos Racionais MC’s.

Outro exemplo da influência norte-americana, como descrito no excerto da obra de Vianna, são os padrões estéticos. Ao contrário do Rio de Janeiro, onde o aspecto estético se ligava mais ao estilo dos surfistas, na capital paulista o apelo por marcas importadas e estilo *b-boy* é parte do cenário cultural da época, como as casas noturnas e festas frequentadas especialmente pela juventude negra. Tanto em questões estéticas quanto em manifestações culturais do hip hop, como as batalhas de rimas e a break dance, pode-se observar reflexos nas periferias da cidade, especialmente nos extremos das zonas sul e norte.

Partindo dessa contextualização histórica sobre a relação de São Paulo com os ritmos que dão origem ao funk, é possível compreender certo resgate de algumas dessas características no contexto do surgimento do funk ostentação. Uma das características mais marcantes do funk

paulista tem nítida referência à estética de rappers norte-americanos como 50 Cent e Snoop Dogg; celebrando, de acordo com Aline Silva Borges Rezende, “o imperativo do consumo de luxo, contemplado em cenários com carros e motos importados, roupas de marca, acessórios de ouro, bebidas, baladas, além das experiências sexuais atravessadas, fundamentalmente, por um viés patriarcal e machista, cuja figura feminina é, por vezes, considerada como outro objeto de ostentação”⁶

Ainda de acordo com Rezende, “a notoriedade do circuito musical da ostentação ocorre anos depois, em 2011, com o lançamento do primeiro videoclipe dessa vertente do funk, protagonizado pela música “Megane”, do MC Boy do Charmes⁷, produzido por Konrad Dantas, idealizador da produtora Kondzilla”⁸. Com este vídeo, o funk brasileiro iniciou uma nova fase de sua estética audiovisual, cuja predominância imagética incide nas expressões que remetem ao consumo, ao capitalismo em seus fluxos supérfluos e excessivos, à projeção e distinção social na periferia. Daí, então, surgiu a denominação “ostentação”, promulgada pela própria imprensa brasileira para se referir a essa onda do funk (FUNK..., 2012).

Uma característica que chama atenção ao se analisar o processo de popularização do funk ostentação é a sua relação com as redes sociais, de maneira especial, o YouTube. Sobre este último, cabe observar que o Canal da produtora Kondzilla, com mais de 36 milhões de inscritos - e até hoje o maior canal brasileiro -, deu início à sua popularidade em 2013, no meio de um ano especialmente emblemático para o funk ostentação. Dois eventos podem ser destacados por impactarem em grande repercussão midiática: os chamados ‘rolezinhos’, fenômeno com grande reflexo região metropolitana e baixada santista, e a morte do MC Daleste, artista conhecido como uma das principais vozes do funk ostentação.

Definidos pelos organizadores como “um grito por lazer”, o movimento conhecido como rolezinho consistia em encontros de jovens periféricos marcados, pelas redes sociais, para

⁶ Quando o funk ostentação performa (re)existência: reflexões polissêmicas, Aline da Silva Borges Rezende, Revista Novos Olhares Vol6. N2. PAGINA 139

⁷ Wellington França, o MC Boy do Charmes, é considerado um dos precursores do estilo ostentação (FUNK..., 2012)

⁸ A produtora Kondzilla foi a pioneira da estética da ostentação no circuito do funk brasileiro.

ocorrem em locais destinados ao lazer como parques e, principalmente, shoppings da capital paulista e grande São Paulo. O contexto que antecede o início desse movimento, acusado posteriormente de promoção de furtos e vandalismo, é o surgimento de um projeto de lei na Câmara Municipal de São Paulo que pretendia proibir os bailes funk na cidade. Não ocasionalmente, nos rolezinhos, além de passear pelos corredores e praças de alimentação dos shoppings, tirar fotos, paquerar, os jovens também cantavam e dançavam “passinhos” muito comuns nos bailes funk e vestiam-se com roupas de marcas famosas, como na estética das músicas de funk ostentação.

Analisado por alguns autores como uma apologia ao consumismo desenfreado, o funk ostentação - e os rolezinhos como parte desse mesmo fenômeno -, podem ser analisados a partir de uma outra perspectiva: a da resistência do *popular-periférico-bastardeado* do funk ostentação. A partir da discussão sobre resistência pela perspectiva da negociação e do popular-bastardeado de Rincón, Aline Silva Borges Rezende propõe no contexto das narrativas midiáticas do funk ostentação que observemos como o consumo “se vincula a um sentido de mediação, sendo reconhecido pelos atores sociais periféricos como uma forma possível de inclusão social, cujo caráter simbólico incutido em suas práticas promove novas maneiras de relacionar-se com o outro, de pertencer à sociedade e construir identidades possíveis (BACCEGA, 2014).” (página 139).

Ampliando as compreensões sobre as manifestações do popular contemporâneo e criticando abordagens unilaterais e moralistas, Rezende ainda observa que a “estética bastardeada do funk ostentação e sua irreverente forma de narrar o periférico que 'ostenta' nos leva à concepção de uma outra lógica do agir político e, por corolário, de outros modos de resistência dos jovens das periferias que operam este circuito musical. A conjugação de universos simbólicos distintos apresenta-se como uma tática astuciosa, tomando por base as reflexões de Certeau (1998), de a juventude periférica alcançar a projeção e o reconhecimento, social e midiático.” (página 145)

Por fim, o segundo marco do ano de 2013: a morte do MC Daleste. O cantor foi assassinado, no palco, durante uma apresentação na cidade de Campinas e o crime, até hoje não solucionado, teve grande repercussão. Houve, inclusive, acusações sobre a relação do cantor com

o crime organizado. Se por um lado, isso abre nos grandes veículos da mídia e na sociedade uma discussão sobre a motivação desse crime, por outro, torna o gênero musical ainda mais reconhecido nacionalmente - uma vez que o MC Daleste era tido como um dos principais nomes do funk ostentação.

2.3 Fenômenos contemporâneos

Atualmente, consolidado na indústria da música brasileira, pode-se dizer que o funk como um produto cultural segue a hipótese de trabalho formulada por Hermano Vianna. Ao analisar a tendência de funcionamento da indústria cultural, o autor observa “uma tentativa de se adaptar à heterogeneidade de seus diversos públicos, segmentando-se ao extremo para satisfazer gostos diferentes e para possibilitar trocas culturais entre grupos bem determinados, sem precisar para isso lançar mão de abstrações como "o gosto brasileiro" ou mesmo na preferência carioca" (250 - Hermano Vianna). Além de ser o estilo musical brasileiro mais ouvido no mundo, um levantamento realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV)⁹ em 2008 aponta que, só no Rio de Janeiro, o funk era responsável por cerca de 10 mil empregos e um faturamento de mais de R\$10 milhões por mês.

Apesar das tentativas, ainda hoje é difícil estimar com precisão o valor movimentado pelo funk nacional e internacionalmente, levando-se em conta a quantidade de lançamentos, eventos musicais e negócios associados como assessorias, produtoras de vídeo, empresas de som, entre outras. No entanto, a partir da complexidade dessa cadeia produtiva, pode-se entender também a cena do funk como uma oportunidade econômica nas comunidades onde se localizam os bailes e, sobretudo, fora delas.

De acordo com dados de 2019 do *Spotify*, desde 2014, momento em que a plataforma de *streaming* chega ao Brasil, o consumo de funk tem crescimento de 51% ano a ano. Segundo o mesmo levantamento, ao lado do sertanejo, o funk é o ritmo mais ouvido nacionalmente e a

⁹Disponível em: <
<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/10/22/Popular-e-perseguido-funk-se-transformou-no-som-que-faz-o-Brasil-dan%C3%A7ar>>. Acesso em: nov., 2021

capital paulista já supera a fluminense em número de ouvintes. Diante desse cenário, são notórios os papéis desempenhados por figuras como Anitta, não somente na participação como também na expansão do funk como um produto cultural a nível internacional. Buscando-se consolidar entre o público latino-americano, foram inúmeras as parcerias musicais de Anitta com artistas como J. Balvin, Maluma e as misturas de funk com outro ritmo latino, o *Reggaeton*. No processo de internacionalização, que atualmente também mira o público norte-americano, há também um toque “*pop*” ao funk carioca e aproximações com o *R&B*, como na música *Girl From Rio*. Não acidentalmente, em 2021, Anitta alcança um novo marco em sua carreira, tornando-se a primeira artista brasileira a se apresentar no VMA¹⁰.

Apesar de não ser exatamente um fenômeno contemporâneo, episódios como a repressão policial ao Baile da DZ7, que fez 9 vítimas fatais em Paraisópolis (periferia da capital paulista), apontam para a continuidade de um elemento destacado pela antropóloga Adriana Facina como “criminalização brutal”¹¹ da população periférica. Para a autora, esse contexto de criminalização que envolve a cultura funk tem suas origens em um cenário geral de ampliação do estado penal, que coincide com o final do período da ditadura militar e redemocratização. Sob a lógica da guerra às drogas, reação ao aumento do consumo e comércio de cocaína nos anos noventa, esse estado penal agora passa a elencar especialmente na juventude pobre e periférica como o novo “inimigo comum” a ser combatido.

Ainda no contexto dos anos noventa, diversas chacinas escancaram essa realidade: o caso de Acari, em 1990, que levou a morte de 11 jovens (sendo seis deles menores, desaparecidos), o caso da Candelária e o de Vigário Geral, em 1993, deixaram na primeira um total de 8 jovens mortos (sendo seis deles menores) e, na segunda, 21 moradores da comunidade. Diante desse cenário, em 1995, foi instalada na Câmara Municipal do Rio de Janeiro uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) com o objetivo de investigar a relação do funk com o tráfico de drogas. No entanto, os resultados da investigação não chegaram a provas conclusivas da relação entre as duas coisas até o seu encerramento.

¹⁰ MTV *Video Music Awards*, uma das maiores premiações da música;

¹¹ Disponível em:<

<https://www.nexojournal.com.br/explicado/2017/10/22/Popular-e-perseguido-funk-se-transformou-no-som-que-faz-o-Brasil-dan%C3%A7ar> >. Acesso em: nov., 2021

Outro exemplo contemporâneo desse mesmo processo se dá a nível de política institucional. Em 2017, repetindo o projeto de lei rejeitado na Câmara Municipal de São Paulo, um abaixo-assinado com mais de 20 mil assinaturas tramitou no Senado pautando um projeto de criminalização do funk. A compreensão unânime na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado¹², no entanto, foi de que o projeto discriminaria a juventude da periferia e também seria uma ofensa às liberdades individuais.

3 OS FUNKEIROS CULTS

3.1 O que é e como surgiu?

No âmbito das redes sociais, como é possível observar na contextualização histórica do capítulo anterior, não é novidade que o funk se faz presente na organização de encontros, como os rolezinhos, ou mesmo através da popularização de diversos ‘hits’, como é o caso da música Bumbum Tam Tam, do MC Fióti, ao se tornar o primeiro videoclipe brasileiro a atingir a marca de mais de 1 bilhão de visualizações no YouTube.

Um fenômeno contemporâneo que tem ganhado notoriedade é a utilização das redes sociais por jovens periféricos, que atuam na tradução de conteúdos acadêmicos para um dialeto popular, principalmente através do YouTube. São exemplos disso os canais do Chavoso da USP (Thiago Torres) e do Audino Vilão (Marcelo Marques), que visam democratizar o acesso à informação para uma camada mais ampla da sociedade, através da representatividade presente na linguagem e na estética utilizadas nos vídeos - ambas remetendo ao estilo funk.

É em um contexto semelhante, portanto, que tem origem em maio de 2020 a página de Instagram ‘Funkeiros Cults’. Criada pelo manauara e morador da periferia, Danyel Azevedo, a conta tem hoje mais de 249 mil seguidores e tem como principal característica o humor ao passar

¹² Disponível em: <
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/09/13/criminalizar-funk-e-discriminar-juventude-das-periferias-avaliam-debatedores-na-cdh>> Acesso em: nov., 2021.

mensagens de obras literárias com linguagem popular, dialetos típicos das periferias e, especialmente, estética própria da cena do funk.

Em entrevista ao UOL, Danyel conta que a página ultrapassa a questão do humor e teve como motivação situações de preconceito que já vivenciou. Ele relata: "Nasci e cresci no bairro periférico Compensa, dito como um dos mais perigosos do Amazonas. Estudei a vida inteira e me formei em escola pública. Tenho paixão por cinema e literatura, mas sempre ouvia comentários preconceituosos relacionado ao funk".

Uma das primeiras postagens virais da página foi a foto do próprio Dayel lendo o livro 'A metamorfose'. De lá para cá, esse tipo de post, que mostra jovens funkeiros - identificados por elementos estéticos como bonés, óculos de sol, camisas, correntes, relógios, entre outros - lendo obras literárias dos mais variados tipos tem sido frequente.

Ainda de acordo com entrevista concedida ao UOL, a identificação gerada pelas publicações teve como reflexos: tanto o rápido aumento no número de seguidores da página, quanto a criação de um grupo de Facebook, utilizado para envio de sugestões de publicações desse tipo, feitas pelos próprios membros do grupo, e de compartilhamento de experiências acadêmicas.

Um episódio marcante na breve, porém intensa, trajetória da página é a publicação com o livro 'Racismo Estrutural' (fig. 1), do jurista e doutor em filosofia e teoria geral do direito pela USP (Universidade de São Paulo) Silvio Almeida:

Fig. 1 - Publicação com o livro do Silvio Almeida



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CBepWsJHB-C/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: nov.

2021

Além de ter feito um comentário na publicação original e ter citado o post em sua participação no programa da TV Cultura, Roda Viva, o autor Silvio Almeida fez a seguinte declaração em entrevista ao UOL: "Foi algo muito importante para mim, e demonstra que vale a pena continuar escrevendo. O intuito de se escrever é fazer com que o conhecimento se torne algo

que possa ser aproveitado na vida das pessoas, principalmente quem escreve as coisas que escrevo"¹³.

3.2 Metodologia

Alinhados aos objetivos propostos e à pesquisa bibliográfica, a presente pesquisa contou com um estudo exploratório de vertente qualitativa, além do estudo de caso por meio da observação exploratória da autora ao perfil Funkeiros Cults, na rede social Instagram. Para isso, foram selecionadas publicações a partir dos seguintes critérios:

- a) Conteúdo da postagem: novas versões do primeiro post viral, que mostra jovens funkeiros - identificados por elementos estéticos como bonés, óculos de sol, camisas, correntes, relógios, entre outros - lendo obras literárias dos mais variados tipos tem sido frequente;
- b) Período de publicação: foram selecionadas as publicações dos quatro primeiros meses de existência da página, que compreendem o período entre maio e setembro de 2020;
- c) Gênero literário das obras usadas nas publicações: foram selecionadas, como na primeira publicação viral e na de grande repercussão a partir da atuação do autor Silvio Almeida, obras não ficcionais. Portanto, foram considerados os livros teoria crítica e/ou do ramo da Sociologia, Filosofia, História e Ciências, mas não se soma a essa amostragem outras obras consideradas clássicas, porém de gêneros como poesia, romance ou biografias não foram incluídos.

Ao todo, 38 publicações foram analisadas a partir dos títulos das obras, breve descrição ambiental da imagem a fim de aferir possíveis padrões estéticos e incidências do uso de gírias e dialetos ligados à cultura do funk, além da data da publicação.

¹³ Disponível em:< <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/22/funkeiros-cults-faz-humor-com-memes-de-pensadores-e-gurias-da-quebrada.htm?cmpid=copiaecola> >. Acesso em: nov., 2021.

3.3 As imagens

Foram selecionadas para compor o bloco de imagens duas publicações de cada mês analisado. As demais publicações podem ser acessadas pela tabela do próximo tópico.

MAIO 2020

Fig. 2 - Publicação com o livro “A arte da guerra”



Fig. 3 - Publicação com o livro “Manifesto do partido comunista”



JUNHO 2020

Fig. 4 - Publicação com o livro “Além do bem e do mal”

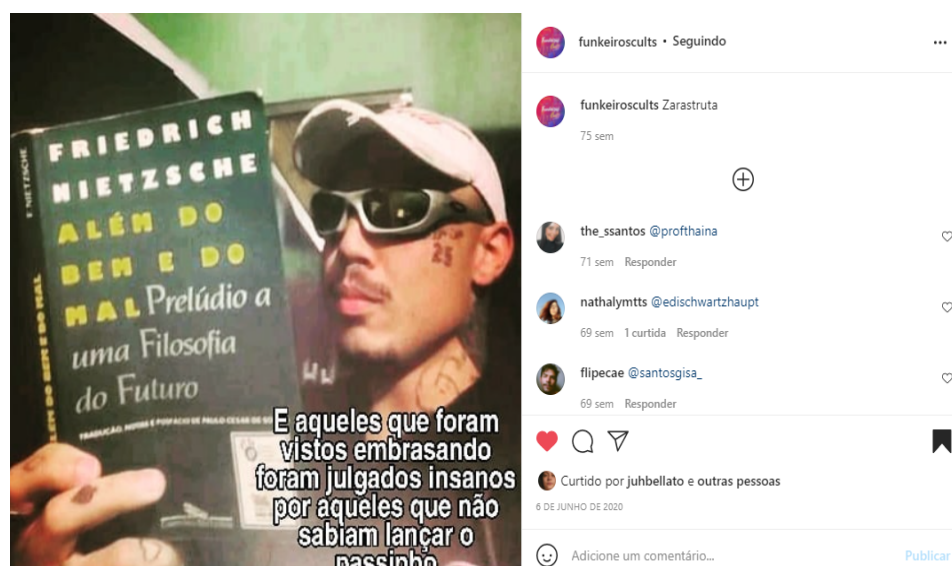


Fig. 5 - Publicação com o livro “O rastro da vida”



JULHO 2020

Fig. 6 - Publicação com o livro “A evolução das espécies”

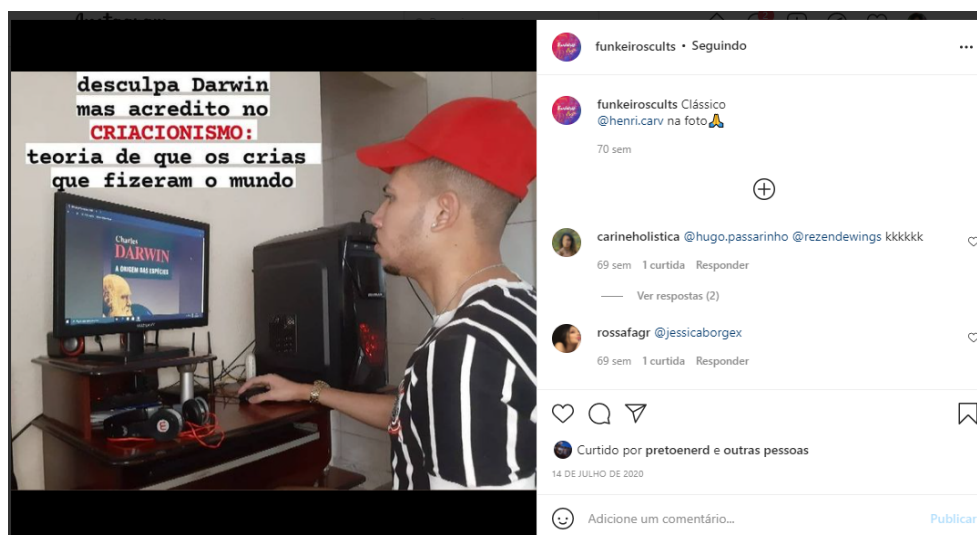


Fig. 7 - Publicação com o livro “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”



AGOSTO 2020

Fig. 8 - Publicação com o livro “Mulheres, Raça e Classe”



Fig. 9 - Publicação com o livro “Assim falou Zaratustra”



SETEMBRO 2020

Fig. 10 - Publicação com o livro “O ócio criativo”



Fig. 11 - Publicação com o livro “Memórias da plantação”



3.4 Tabela com sistematização das publicações

Nome do livro	Checação acessório observação gênero	Frase/gírias sobre o livro	Data postagem	Link postagem
Manifesto do Partido Comunista - Marx e Engels	Neutro - boné e óculos	<i>crias</i>	29/05/2020	https://www.instagram.com/p/CAyka9KnOsF/?utm_source=ig_web_copy_link
O Príncipe - Maquiavel	neutro - boné e óculos	<i>meter o loko</i>	30/05/2020	https://www.instagram.com/p/CA1TMRYn7wn/?utm_source=ig_web_copy_link
A arte da guerra - Sun Tzu	neutro - boné e óculos	<i>voa mlk</i>	31/05/2020	https://www.instagram.com/p/CA37PAAnHJ4/?utm_source=ig_web_copy_link
Além do bem e do mal - F. Nietzsche	neutro - boné e óculos	<i>embrasando, lançar o passinho</i>	06/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBF4gvnEepD/?utm_source=ig_web_copy_link
O Édipo rei de Sófocles - Trajano Vieira	neutro - boné e óculos	<i>maluco, perdoa</i>	09/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBOKJ8Fn8MJ/?utm_source=ig_web_copy_link
Nome ilegível - Lenin	neutro - boné e óculos	<i>bagulho fica loko</i>	11/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBUAmlaHKmY/?utm_source=ig_web_copy_link
Título ilegível - Sigmund Freud	neutro - boné e óculos	<i>vai rebola pro pai (trecho de um funk)</i>	12/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBWqk5KH0LB/?utm_source=ig_web_copy_link
A liberdade é uma luta constante - Angela Davis	neutro - boné e óculos	<i>lili cantar</i>	13/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBYO9TpnkkU/?utm_source=ig_web_copy_link

				=ig_web_copy_link
ilegível, no entanto lê-se Sócrates	neutro - mulher		14/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBasAyhnUV9/?utm_source=ig_web_copy_link
Primavera para as rosas negras - Lelia Gonzalez	neutro - mulher	<i>dê moral</i>	14/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBbIS9jHTKH/?utm_source=ig_web_copy_link
Racismo Estrutural - Silvio Almeida	neutro	<i>meu mano, te liga, pegou a visão</i>	15/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBepWsJHB-C/?utm_source=ig_web_copy_link
As veias abertas da América Latina - Eduardo Galeano	neutro	<i>carai, menor, atrasa lado</i>	16/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBhCC4vHWCC/?utm_source=ig_web_copy_link
Bilhões e bilhões - Carl Sagan	neutro	<i>neutro</i>	17/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBi3Zp5HLlk/?utm_source=ig_web_copy_link
Problemas de Gênero - J. Butler	neutro - mulher	<i>menozada, vacilão, gastar, vapo</i>	18/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBlyS87H1iC/?utm_source=ig_web_copy_link
O Capital (vol 1) - Karl Marx	neutro	<i>manos e bagui</i>	19/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBoB-G LHq-b/?utm_source=ig_web_copy_link
A linguagem do corpo - D. Cohen	neutro	<i>mano, machão, emocionado</i>	20/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBqCcSZnBI7/?utm_source=ig_web_copy_link
A Gaia Ciência - F. Nietzsche	neutro	<i>rolê, transtornado</i>	20/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBq2bE nnE2K/?utm_source=ig_web_copy_link
O universo numa casca de noz - Stephen Hawking	neutro	<i>tipo, multirão</i>	21/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBt2dgT H-MH/?utm_source=ig_web_copy_link

				=ig_web_copy_link
A república - Platão	neutro	<i>aliado, #pjl</i>	22/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBu-vXTnUO2/?utm_source=ig_web_copy_link
O rastro da vida - Jose Luis Soares	neutro	<i>vida loka</i>	22/06/2020	https://www.instagram.com/p/CBwa1qBHNSQ/?utm_source=ig_web_copy_link
A origem das espécies - Charles Darwin	Neutro - computador de mesa	<i>crias (criacionismo)</i>	14/07/2020	https://www.instagram.com/p/CCoCsLwnROh/?utm_source=ig_web_copy_link
A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado - Engels	Neutro - mulher	<i>suave, breco o baile</i>	16/07/2020	https://www.instagram.com/p/CCs-6NDH-sv/?utm_source=ig_web_copy_link
Mulheres, Raça e Classe - Angela Davis	Neutro - camisa de futebol	<i>avançada nas ideia</i>	04/08/2020	https://www.instagram.com/p/CDe8-qgHOpB/?utm_source=ig_web_copy_link
A educação para além do capital - Istvan Mezaros	neutro	<i>mo ideia errada mano</i>	06/08/2020	https://www.instagram.com/p/CDj1GjJnmzU/?utm_source=ig_web_copy_link
A odisseia do cinema brasileiro - Laurent Desbois	neutro	<i>atrasa lado, breicar, bagulho, bichão, mil grau</i>	07/08/2020	https://www.instagram.com/p/CDlwSmXHh4C/?utm_source=ig_web_copy_link
A criação de um papel - Constantin Stanislavski	neutro - mulher	<i>meter o loko</i>	13/08/2020	https://www.instagram.com/p/CD2hVENxca/?utm_source=ig_web_copy_link
O capital (vol 2) - Karl Marx	neutro	<i>tudo nosso, carai</i>	16/08/2020	https://www.instagram.com/p/CD82K4_nulm/?utm_source=ig_web_copy_link
O feminismo é para todo mundo - Bell	neutro	<i>pode pah, mano, pegar a visão,</i>	19/08/2020	https://www.instagram.com/p/CEExnX

Hooks		<i>chavosa</i>		enbE7/?utm_source=ig_web_copy_link
A crítica da razão negra - Achille Mbembe	neutro - mulher	<i>no corre, mó cota, pelo certo</i>	22/08/2020	https://www.instagram.com/p/CEMkftQHH59/?utm_source=ig_web_copy_link
Rediscutindo a mestiçagem no Brasil - Kabengele Munanga	neutro	<i>carai, boy branco, pdp, ta ruim</i>	24/08/2020	https://www.instagram.com/p/CERXeUeHTYb/?utm_source=ig_web_copy_link
O príncipe - Maquiavel	neutro - mulher	<i>parça</i>	24/08/2020	https://www.instagram.com/p/CESxflAnxxx/?utm_source=ig_web_copy_link
Assim falou Zaratustra - F. Nietzsche	neutro	<i>cuzao, cria</i>	26/08/2020	https://www.instagram.com/p/CEXv8jzHw7m/?utm_source=ig_web_copy_link
O ócio criativo - Domenico de Masi	neutro	<i>carai, menó, suavão das ideia, sem neurose, fazer seu corre, no pique</i>	07/09/2020	https://www.instagram.com/p/CE2qonCnqV/?utm_source=ig_web_copy_link
Pedagogia do oprimido - Paulo Freire	neutro	<i>progresso, atrasado, irmãos</i>	09/09/2020	https://www.instagram.com/p/CE7mmnFHDZT/?utm_source=ig_web_copy_link
Sigmund Freud - ilegível	neutro	<i>pegando a visão,</i>	16/09/2020	https://www.instagram.com/p/CFNTPc8nCPC/?utm_source=ig_web_copy_link
Rebeliões da Senzala - Clóvis Moura	neutro	<i>quebrada,</i>	18/09/2020	https://www.instagram.com/p/CFSijnRHp9H/?utm_source=ig_web_copy_link
Manifesto do partido Comunista - Marx e Engels	neutro	<i>crias,</i>	21/09/2020	https://www.instagram.com/p/CFZjPCfnxpw/?utm_source=ig_web_copy_link

Memórias da plantação - Grada Kilomba	neutro - mulher	<i>meno, lili cantar</i>	30/09/2020	https://www.instagram.com/p/CFxyZnKncGg/?utm_source=ig_web_copy_link
Tema atirracista				
Livros marxianos				
Repetidos				

3.5 Análise dos Dados

Durante o período analisado e seguindo os critérios previamente estabelecidos, 38 publicações foram analisadas. Entre os títulos de livros, os gêneros predominantes são teoria crítica (que diz respeito à maioria das publicações) e temas clássicos da Filosofia e das Ciências. Chama atenção que, entre as obras de teoria crítica, cerca de 13% sejam obras marxianas (como os volumes I e II da obra *O Capital*) e aproximadamente 24% tenham a temática étnico-racial como abordagem central.

Como um elemento comum a todas as postagens, é possível sublinhar algum tipo de relação com a estética do funk nas fotografias que compõem a peça de humor. Os bonés e acessórios, como correntes e relógios, aparecem com certa frequência na composição de diversas dessas imagens. No entanto, de longe, os itens que mais aparecem são os óculos de sol com lentes espelhadas, de diversas cores e modelos que remetem ao famigerado *Juliet*, da Oakley - frequentemente citado em letras de funks ostentação e muito utilizados por MCs.

Não acidentalmente, uma das primeiras publicações da página, ainda no mês de maio de 2020 remete a esse item (Fig. 12). A partir de uma intertextualidade com a obra 'A traição das imagens' de René Magritte (Fig. 13), a publicação evoca o acessório como um símbolo da representação estética da cultura funk.

Fig. 12 - Publicação que alude à obra de Rene Magritte a partir do *Juliet*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CAq5DALpAe0/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: nov.

2021

Fig. 13 - Obra de Rene Magritte



Fonte: <<https://images.app.goo.gl/sy3X8dxMjQbn5YDfA>>. Acesso em: nov. 2021

Nesse sentido, é possível estabelecer um diálogo com o que propõe Barthes, ao analisar a mensagem linguística, já que o símbolo relacionado à estética consolidada pelo funk, de certa forma, delimita tal compreensão do recurso da intertextualidade. Para o autor “Ao nível da mensagem "simbólica", a mensagem linguística orienta não mais a identificação, mas a interpretação, constitui uma espécie de barreira que impede a proliferação dos sentidos conotados seja em direção a regiões demasiadamente individuais (isto é, limita o poder de projeção da imagem), seja em direção aos valores disfóricos.” (A retórica da Imagem, Barthes, página 33)

Um outro dado possível de quantificar a partir das amostras analisadas diz respeito à sub-representação feminina nos conteúdos desse tipo na página. Das 38 publicações, apenas 8 são estampadas por figuras femininas. Mesmo assim, é possível observar que em todas elas há a preservação de elementos estéticos relacionados a como a cultura funk se expressa entre as mulheres. Vestimentas como *croppeds*, maquiagens e unhas decoradas são exemplos disso.

Compondo a retórica da imagem, conceituada por Barthes como a classificação dos denotadores que a compõem, faz-se presente ainda nas publicações da página o aspecto da linguagem. São frequentes as composições que sobrepõem imagem (fotografia) e texto, sendo

esse último construído a partir dos seus usos populares, com gírias e dialetos (página 40). Assim, gírias como “crias” (que significa rapazes, moleques), “pegar a visão” (ter atenção e compreender determinada ideia), “atrasar lado” (provocar danos, lesar de alguma forma alguém), entre outras utilizadas no espaço amostral analisado, combinam-se ao conjunto de signos presentes nas imagens fotográficas (os próprios livros, os acessórios e paisagens). Esse uso da linguagem, relacionado à uma noção de identidade de um determinado grupo e ao efeito de intertextualidade com cada um dos livros, pode ser compreendido como elemento de coesão desses dois inventários semânticos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da abordagem histórica acerca do surgimento, expansão e consolidação da cultura funk no Brasil, do instrumental teórico e da análise exploratória da página Funkeiros Cults, observamos as articulações entre as noções de criminalização do funk e de construção de estereótipos acerca do grupo que manifesta essa determinada cultura, os funkeiros. Desta forma, além dos reflexos objetivos na política institucional - como no abaixo-assinado que tramitou no Senado, em 2017, ou na repressão policial ao Baile da DZ7, em Paraisópolis -, uma outra consequência da criminalização do funk seria a promoção de uma narrativa que visa aproximar essa cultura popular bastardeada ao “inimigo comum” a ser combatido pelo Estado: o “bandido”.

É nesse contexto, portanto, que pode ser compreendido desde o início da consolidação do funk a dimensão de protesto contra a discriminação contida em diversas letras. Dois exemplos de épocas diferentes são o Rap do Silva, do MC Bob Rum (1996), que denuncia a violência e repressão dizendo “Era só mais um Silva/que a estrela não brilha/ ele era funkeiro, mas era pai de família”, e a canção do MC Ryan, MC Não é Bandido (2021)¹⁴, que diz entre outras coisas que “sou mestre de cerimônia e não bandido”.

A partir da ambivalência estética que assumem as culturas populares - marcadas pelos consumos e referentes da indústria do entretenimento (Ricon 44) -, o conceito de culturas

¹⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7HcaUMWrVcA> >. Acesso em: Nov., 2021.

bastardeadas, proposto por Rincón, tem como marca fundamental a proposição de uma outra forma de compreensão de culturas populares. Como indica a contextualização sobre a gênese do funk carioca e o fenômeno do funk ostentação, o conceito nos auxilia a compreender sobre a afirmação estética dessa expressão cultural como um todo: desde a influência norte-americana no surgimento e em expressões como funk ostentação, até a consolidação do funk como um produto cultural consumido em larga escala nacional e internacionalmente.

Outro aspecto que se pode observar a partir da análise exploratória da página Funkeiros Cults é a afirmação estética, através da proclamação de elementos como os óculos de sol, modelo *Juliet*, correntes, bonés, entre outros, como representações que reificam o grupo dos funkeiros. Cabe observar que, de acordo com Rincón: “É claro, não são as estéticas puras no ideológico nem no cultural: são bastardas sobretudo no político porque jogam e se movem entre as estéticas dominantes e os desejos e expressões do próprio; não são pura dominação, tampouco excelsa resistência”. No entanto, aplicado ao contexto analisado, e, conectado ao debate anterior da criminalização como narrativa promotora de estereótipos, o elemento estético nos auxilia na compreensão do papel transgressor da afirmação intelectual por parte desse grupo.

Ainda de acordo com Rincón: “O popular bastardeado é um quilombo ou um sancocho¹⁰ de tudo: autenticidade, resistências, submissões, cumplicidades, inovações e aberrações. Tudo junto como nos pratos da comida típica latino-americana. Tudo junto, revoltado e saboroso: simultaneidade de catarse, subjugações e resistências e reinvenções. A bastardização popular é, então, isso que joga entre a cultura *mainstream* que se nutre do inglês, do *made in USA* e a hierarquia do *cool* (Martel, 2011), mas também bebe e goza com os corpos, as músicas e as telenovelas.”

Desta forma, e, por fim, na medida em que preserva os aspectos estéticos e recursos linguísticos do dialeto e, simultaneamente, torna os funkeiros protagonistas de imagens que remontam a noção de intelectualidade, podemos observar na página Funkeiros Cults a intencionalidade de rupturas com o lugar-comum que aproxima os funkeiros do perfil do “bandido” e aproximações com o que se conhece como cultura erudita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, L. **Trabalhos Feitos.** Disponível em:
<[https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Resenha-Do-Livro-o-Mundo-Funk/44837977.h](https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Resenha-Do-Livro-o-Mundo-Funk/44837977.html)
tml>. Acesso em: nov. 2021.

PEREIRA, R. S. G. “**É som de preto e favelado**”: o caráter diaspórico, global e local do funk. **DITO EFEITO**, Curitiba, Jul-Dez 2013. 12.

VIANA, L. R. **O funk no brasil**: música desintermediada na cibercultura. **Sonora**, Campinas, v. 3, n. 5, 2010.

RINCÓN, Omar. **O popular na comunicação**: culturas bastardas + cidadanias celebrities. *Revista Eco Pós*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 27-49, 2016.

VIANNA JÚNIOR, Hermano Paes. **O baile funk carioca**: festas e estilos de vida metropolitanos. 1987. 150 f. Curso de Antropologia, Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

TORRES, Giovanna Medeiros; MENEZES, Ana Paula Menezes Paula. **Jovens Funkeiros Cults**: uma análise sobre a relação do funk com a literatura e o acesso à cultura no brasil. **Cadernos do Aplicação**, [S.L.], v. 34, n. 1, p. 1-28, 28 abr. 2021. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/2595-4377.111273>.

Salles, Paula Martins. **Associativismo e militância**: o reconhecimento do funk como movimento cultural. 96 f.; Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Sociologia e Política, 2011.

YMROT, Danilo; SHECAIRA, Sergio Salomao. **A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica**. 2011. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-26082016-134709/pt-br.php> >.

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. **A estética transgressora do rap e do funk: em direção à reversão dialética da educação pública nas metrópoles brasileiras.** In: *Educação pública nas metrópoles brasileiras: impasses e novos desenlaces* [S.l.: s.n.], 2011.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Qual a novidade dos rolezinhos? espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. Novos Estudos - Cebrap**, [S.L.], n. 98, p. 13-20, mar. 2014. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0101-33002014000100002>.

CYMROT, Daniel. **A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica.** 2011. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CHAGAS, Inara. **Como o funk surgiu no Brasil e quais são suas principais polêmicas?** 2018. Disponível em:
<https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

MÚSICA, Redação Mundo. **Spotify divulga dados sobre consumo de Funk na plataforma; gênero cresce 51% ano a ano desde 2014.** 2019. Disponível em:
<https://www.mundodamusicamm.com.br/index.php/digital/item/450-spotify-divulga-dados-sobre-consumo-de-funk-na-plataforma-genero-cresce-51-ano-a-ano-desde-2014.html>. Acesso em: 05 nov. 2021.

ROCHA, Camilo. **Popular e perseguido, funk se transformou no som que faz o Brasil dançar.** 2017. Disponível em:
<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/10/22/Popular-e-perseguido-funk-se-transformou-no-som-que-faz-o-Brasil-dancar#section-61>. Acesso em: 05 nov. 2021.

TV, Pagn. **Funk ostentação mira mercado de 11 milhões de consumidores.** 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2015/09/funk-ostentacao-mira-mercado-de-11-milhoes-de-consumidores.html>. Acesso em: 05 nov. 2021.

MULTISHOW, Redação. **Funk ostentação: saiba tudo sobre o gênero que conquista cada vez mais fãs citando carrões, bebidas e roupas de marca.** 2016. Disponível em: <https://multishow.globo.com/musica/noticia/funk-ostentacao-saiba-tudo-sobre-o-genero-que-conquista-cada-vez-mais-fas-citando-carroes-bebidas-e-roupas-de-marca.ghtml>. Acesso em: 05 nov. 2021.

ORTEGA, Rodrigo. **Como 'Bum bum tam tam', de MC Fioti, se tornou o 1º clipe brasileiro a alcançar 1 bilhão de views no YouTube.** 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2018/09/15/como-bum-bum-tam-tam-de-mc-fioti-se-tornou-o-1o-clipe-brasileiro-a-alcancar-1-bilhao-de-views-no-youtube.ghtml>. Acesso em: 05 nov. 2021.

VICENZO, Giacomo. **'Funkeiros cults' faz humor com memes de pensadores e gírias da quebrada.** 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/22/funkeiros-cults-faz-humor-com-meme-s-de-pensadores-e-girias-da-quebrada.htm>? Acesso em: 05 nov. 2021.

MASCARI, Felipe. **Jovens traduzem conteúdo acadêmico para a linguagem periférica.** 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2020/08/chavoso-usp-linguagem-periferica/>. Acesso em: 05 nov. 2021.